

## Uma Abelha na Chuva - a reedição de um "clássico" da nossa literatura

---

Mais de vinte anos após a morte, Carlos de Oliveira (1921-1981) continua na primeira linha da nossa literatura e os seus livros, depois de serem reunidos num único volume da *Obra Completa* (Ed. Caminho, 1992), aparecem agora reeditados título a título para os tornar acessíveis ao maior número de leitores. Assim, com a reedição de **Finisterra** e de **Uma Abelha na Chuva**, a Assírio & Alvim traz de novo para os escaparates uma obra literária única pelo seu rigor e verdade estética e reposiciona o autor de *Casa da Duna* em plano de evidência para quem gosta dos seus livros.

Ora, o que mais interessa colocar em destaque, na releitura de **Uma Abelha na Chuva**, é a atitude de um romancista que pela qualidade das suas obras, se não cansou de "rever" e de "emendar" até ao cansaço a forma escritural dos seus poemas e romances. Por isso, é sempre um reencontro estimulante pelo prazer da leitura que este romance já clássico nos consente e onde a sua "escrita" nos prende mais do que a história que nele se narra, porque diante dos nossos olhos, na comoção emocional de a escrita - poética, lírica ou pungente - nos fazer seguir ao lado do próprio Narrador pelos lugares e memória distante das terras gandraesas, com os seus dramas e contrastes, os seus conflitos de família e de dinheiro, as cruzadas intenções e vícios de uma mentalidade e consciência pequeno-burguesa, captadas nos aspectos mais vivos de uma forma de expressão em que o sentido rigoroso da escrita e a verdade do que se conta ganha essa dimensão visceral e exacta de tudo estar, na imaginação e lembrança do próprio romancista, ainda presente e as personagens desfilerem na nossa frente, como no filme de Fernando Lopes, na violência e na força das palavras, no modo de ser ou de andar, de viver ou de morrer.

Ora, é por esta sabida e conseguida arte do romance?, na linhagem que nunca enjeitou de um Camilo ou de um Graciliano (e **Uma Abelha na Chuva** por vezes recorda a mesma densidade poética de atmosferas humanas em luta de interesses ou de valores profundamente humanizados que paira, por exemplo, em *São Bernardo* ou *Vidas Secas*), que o autor de *Finisterra* se impõe e nos revela na flagrante confirmação de a escrita ser por excelência esse acto de **lavr**ar as palavras, como disso fala num belo texto sobre a poesia de Afonso Duarte. Mas a "forma" e o "sentido" do que mais interessa narrar e descrever confundem-se nesse magma literário que confere à sua prosa uma incedível qualidade e esse tom demasiado pessoal de quem não concebia "uma literatura intemporal, nem fora de certo espaço geográfico, social, linguístico", para quem, em essência, a "escrita" se impôs como modo de semear florestas, "mais enredadas do que as do padre Bernardes", e saber como é sempre esse acto total e absoluto, sensorial e ontológico em todos os sentidos do corpo: "Escrevo e cada página é a maranha inextricável. Emendas, riscos, setas para as margens do papel; os acrescentos metem-se uns pelos outros como as frondes enoveladas".

Sabemos deste modo como a escrita de **Uma Abelha na Chuva** remete o leitor para o sentido fílmico e visual de toda a tecitura vivencial do romance. Não existem pormenores excessivos, nada está a mais, as palavras são estritamente as necessárias, pesadas e compassadas numa rigorosa arquitectura, num ritmo certo e preciso: "O homem cruzou a praça devagar, entrou no Café Altântico e sacudiu as botas com cuidado no capacho de arame. Sentou-se, pediu um brandy e engoliu-o dum trago. Na sua lentidão natural era a única coisa que fazia com alguma pressa. Encostava o copo à boca bem aberta, imobilizava-o um momento e de seguida, num golpe brusco, atirava-o à garganta. Repetiu a operação segunda e terceira vez. Pagou e saiu. Atravessou de novo a praça, batendo pausadamente o tacão das botas, deixando cair os últimos pingos de lama e dirigiu-se à redacção da Comarca de Corgos, sempre no mesmo passo oscilante e pesado, como se o levasse a custo o vento que arrastava no chão as folhas quase podres dos plátanos".

E por aí se evidencia o drama de consciência de Álvaro Silvestre, que se penitencia de ter passado a sua vida "a roubar ao balcão ou nas feiras, na soldada dos trabalhadores e na legítima de seu irmão?", enfim, nesse fundo remorso de ter levado a vida "a roubar os homens na terra e a Deus no céu?", depois de casar com uma fidalga em decadência (Dona Maria dos Prazeres, descendente de uma respeitada família, a dos Alvos Sancho), que em Corgos cresceu e enfraqueceu nos valores tradicionais e não teve outro remédio que não fosse aceitar a fortuna de um lavrador rude e ignorante, mas rico, por quem sempre sentiu um nojo físico e por isso não teve filhos, na retracção de medos, remorsos e outros interesses. Mas, repetimos, não é tanto a "história" que se narra que mais importa sublinhar e antes a "forma" e o "sentido" desse modo de nos descrever o quadro físico e psicológico, no desfiar calmo e exacto de todos os seus contrastes, linhas e sombras da própria trama romanesca. E sempre na memória e presença das terras pliocénicas de uma Gândara que foi esse pano de fundo, o "corpus" geográfico e

humano dos romances de Carlos de Oliveira e até de muitos dos seus poemas: *De súbito, qualquer lembrança remota parecida com aquilo, dias de chuva, a cabeça fora da janela, a boca aberta a apagar as goteiras do telhado, um perfil de criança recortado ao longe. (...) O vento arrastava a poeira, apagava os astros, sumia tudo e na escuridão as coisas fermentavam. Apodreciam?*

E assim a memória se distende e redescobre, entre os campos baixos de Coimbra e a ria de Aveiro, de Montemor a Cantanhede e Mira, quase até Vagos, lugares rememorados nas páginas de **Uma Abelha na Chuva**, na evocação das sombras que sempre povoaram o imaginário do poeta: *Nos pinhais cerrados a névoa era mais branca do que a luz difícil. Pelos barrancos. Ao dobrar uma moita de espinheiros, deu com a antiga olaria de mestre António, transformada agora em oficina de santeiro?* Porém, é este sentido fortemente visual e cinematográfico que nos faz **olhar e ver** nas páginas deste romance como a *realidade?* se redescobre ou transfigura: *O som matinal das trindades ondeou pela aldeia?* quando a descrição e notícia da morte do cocheiro Jacinto se revela talvez como dos momentos maiores desta prosa encantatória, na incidência dos seus próprios contrastes descritivos e psicológicos. *A evidência embateu na suspeita, transformou-a em verdade: mataram-no, meu Deus. Largou pela azinhaga abaixo, passou por eles sem parar, galgando a lama, de braços abertos, como se fosse voar da terra, sumiu-se entre os espinheiros, rápida como as aparições, estou só no mundo com o meu filho, atirou-se à ladeira que levava a casa de Álvaro Silvestre e enfiou pela cozinha, alucinada?* E de novo o **olhar** do autor se cruza ou confunde com o das suas personagens, nelas mistura, não de todo inocentemente, *o que vê, o que sabe, o que a sua personagem vê e sabe?*, como lembra Barthes. Mas o *discurso?* desdobra-se por outros sentidos, constrangimentos, tolerâncias ou liberdades de associação dos signos utilizados e o discurso resulta, afinal, como o acto de desvendar outros discursos nas falas e gestos das personagens que assumem vida própria no cenário das tempestades que desencadeiam e não controlam. E, face aos remorsos e súbitos medos de Álvaro Silvestre, quando o pátio da velha casa se enche de gente agressiva e inquieta perante a notícia confirmada da morte de Jacinto, Dona Maria dos Prazeres ainda lhe grita de vingança e calado desprezo: *Não te matam, descansa, posso lá ter tamanha sorte, hei-de aturar-te até ao fim da vida, até que Deus me leve deste inferno que é a tua casa. Tenho nojo de ti, nojo, entendeste bem? Que te admiras tu que eu sonhe? Sonhos sobre sonhos, sempre, para esquecer a tua cama e o pão da tua mesa?*

Pouco mora aqui de um ruralismo provinciano, de ressaibos bem camilianos, porque o sentido do romance avança na perspectiva literária tantas vezes defendida por Carlos de Oliveira de não querer engrossar a vasta **colheita perdida** na literatura, *e eu que o diga nesta linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncios, que os cavadores e os mendigos me ensinaram, lá para trás, no alvor da infância?* E é esse sentido grandioso e trágico de recuperar o tempo e a memória do *paraíso perdido?* que Carlos de Oliveira ergueu, nos romances e na sua obra poética, como *húmus?* de uma obra que *ao nível das imagens, ao rés do magma emocional, patético, tenebroso?*, como assinala Eduardo Lourenço, fez nascer essa contradição viva que tem lugar na sua poesia e ainda neste belíssimo romance. Porque foi essa a forma assumida de contradição que deu ao autor de *Alcateia* a certeza para lucidamente sempre evitar, na poesia e na prosa, que *a tempestade das coisas desencadeadas?* corrompesse ou destruísse esse **todo** literário consolidado pelos horizontes da morte e da vida, na circular insistência do tempo e na incessante memória das gentes e paisagens solitárias dos palheiros, areias e pinheirais da sua Gândara inesquecível. E, sem pressa nem qualquer *estratégia de glória?*, nos deixar uma obra literária que é um superior exemplo de escrita no rigor e verdade que está bem presente nos seus romances, em especial em **Uma Abelha na Chuva**.

Carlos de Oliveira  
**UMA ABELHA NA CHUVA (romance)**  
Ed. Assírio & Alvim, Lisboa - 2003.